

# A MULTIPLICIDADE DE DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS À LUZ DA TEOLOGIA DOS REFORMADORES DO SÉCULO XVI E DAS CONFISSÕES DE FÉ PROTESTANTES

## THE MULTIPLICITY OF EVANGELICAL DENOMINATIONS IN LIGHT ON REFORMER'S THEOLOGY ON THE SIXTEENTH CENTURY AND PROTESTANT CONFESSIONS OF FAITH

Carlos Jeremias Klein<sup>1</sup>

### RESUMO:

O modelo denominacional de igrejas desenvolvido no protestantismo a partir do século XVII assumiu proporções desmesuradas nos séculos XX e XXI nas Américas, particularmente no Brasil. Este artigo pretende provocar uma reflexão sobre essa realidade à luz da teologia dos principais reformadores do século XVI, e das Confissões de Fé protestantes.

**PALAVRAS CHAVES:** Multiplicidade denominacional, Teologia dos reformadores, Confissões de Fé

### ABSTRACT:

The denominational model of churches developed in Protestantism from seventeenth century took inordinate proportions in the twentieth and twenty-first centuries in the Americas, particularly in Brazil. This article intends to provoke reflection on this reality in light on the Reformer's Theology of the sixteenth century and Protestant Confessions of Faith.

**KEY WORDS:** Denominations multiplicity, Reformer's Theology, Confessions of Faith.

## INTRODUÇÃO

A revista *Terra e Cultura* número 56 de janeiro a junho de 2013 publicou meu artigo “A multiplicidade de denominações evangélicas. Algumas considerações teológicas à luz da Bíblia e da Patrística”. Este trata do mesmo tema, porém, à luz da teologia dos reformadores do século XVI e das Confissões de Fé no campo protestante no século da Reforma e no século seguinte.

A Reforma protestante não se constituiu na primeira grande divisão do cristianismo. No século V, o não reconhecimento do Concílio de Éfeso (431) deu origem à Igreja Assíria do Oriente (nestoriana) e a não aceitação do Concílio de Calcedônia (451) às Igrejas chamadas erroneamente chamadas monofisitas<sup>2</sup>, como a Igreja Copta, no Egito, à Igreja Sirian Ortodoxa e Sírian Malankar (esta na Índia), à Igreja Etiope e à Igreja Apostólica Armênia. Mas o Cisma principal ocorreu em 1054, entre a Igreja do Ocidente e a do Oriente.

## 1. VERTENTES PRINCIPAIS DO PROTESTANTISMO

A Reforma protestante do século XVI apresentou, desde os primórdios, quatro vertentes: Luterana, Reformada, Anglicana e a Reforma Radical, cuja ala principal, a anabatista, consolidou-se com Menno Simons.

O fenômeno da divisão no protestantismo, na perspectiva do teólogo norte-americano John H. Leith, em parte “ocorreu por causa do isolamento geográfico e do surgimento de poderosas nações-estados. Em parte, foi devido à convicção protestante, que preferia o risco da divisão a submeter-se a qualquer instituição ou autoridade com

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do Curso de Teologia do Centro Universitário Filadélfia de Londrina – UniFil.

<sup>2</sup> Antonio Nakkoud, clérigo sírio-ortodoxo, observa que as antigas Igrejas orientais ensinam “a unidade total de Jesus Cristo, como Pessoa, Natureza, vontade e ação. Isto é, que Jesus Cristo é Deus perfeito e um homem perfeito e sua divindade e humanidade se uniram no ventre virginal de Maria” (Identidade da Igreja Sirian Ortodoxas de Antioquia, 2011, p. 77). Essa Cristologia é também chamada miafisismo.

poder para decidir como a Bíblia deveria ser lida”.<sup>1</sup> Leith observa, ainda, que “A ênfase na orientação do Espírito Santo, através das Escrituras, como autoridade final e na obrigação de todos os crentes serem sacerdotes diante de Deus, a fim de assumirem responsabilidade pela própria fé, foi a fonte da força do protestantismo e também de suas divisões”.<sup>2</sup>

A divisão no protestantismo tornou-se maior nos séculos XVII e XVIII, com a “emergência do modelo denominacional” e o desenvolvimento da liberdade religiosa “A combinação do modelo denominacional com a liberdade religiosa fez com que o antigo conceito que dizia que uma comunidade era igual a uma igreja, fosse ultrapassado. A colonização da América do Norte e os desafios da vida na fronteira providenciaram uma condição excelente para o desenvolvimento de igrejas voluntárias, numa sociedade livre e secular”.<sup>3</sup>

## 2. A UNIDADE E A DIVISÃO DA IGREJA NA PERSPECTIVA DE LUTERO, MELANCHTHON E DA CONFISSÃO DE AUGSBURGO

“Nenhum protestante, anglicano, reformado ou luterano dataria a origem da Igreja no século XVI. Segundo uma ilustração, quando se perguntava a um luterano onde estava a sua Igreja antes de Lutero, ele replicava com a questão: onde estava o seu rosto antes de você lavá-lo?”<sup>4</sup>

O reformador Martinho Lutero (1483-1546) posicionou-se contrariamente aos grupos que propunham comunidades cristãs separadas, de modo particularmente enfático dos chamados anabatistas. No escrito “Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os Intrusos e Pregadores clandestinos”, endereçado a Eberhard Von der Tannen, administrador de Wartburgo, o autor argumenta: “O primeiro ponto em que se pode apanhá-los facilmente é o seguinte: quando se pergunta por sua vocação, quem os teria enviado para cá sorrateiramente a pregar na clandestinidade, eles não têm resposta, nem são capazes de apresentar sua credencial [...] Da mesma forma, também a autoridade espiritual deve perguntar ao hospedeiro: Quem te ordenou hospedar esse intruso, ouvir sua pregação clandestina? De onde sabes que ele tem a ordem de instruir-te e que tens que aprender dele? Porque não informaste ao pastor e a nós? Por que abandonas tua Igreja, na qual foste batizado, instruído e recebeste a comunhão? [...] Quem te deu poder para dividir esta paróquia e provocar tumultos entre nós?”<sup>5</sup>

Filipe Melanchthon (1497-1560), o segundo personagem da Reforma na Alemanha, escreveu *Locci communes rerum theologiarum* (1521), a *Confissão de Augsburgo* (1530) e a *Apologia da Confissão de Augsburgo*, além de outros escritos teológicos e filosóficos.

A Confissão de Augsburgo, em seu Artigo VII: Da Igreja, reza que “sempre permanecerá uma santa igreja. E a Igreja é a congregação dos santos [...] E para a verdadeira unidade da igreja basta que haja acordo quanto à doutrina do evangelho e à administração dos sacramentos”.<sup>6</sup> A expressão “congregação dos santos” pode ser colocada em correspondência com a “comunhão dos santos”, do Credo apostólico. Na literatura paulina, principalmente, os fieis ou crentes são chamados santos. “Coerentemente CA 8

1 Leith, John H. *A Tradição Reformada*, 1996, p. 22.

2 Idem.

3 Ibidem, p. 24-25.

4 Schaff, Philip. “Creeds of Christendom, Confissão Escocesa de 1560, artigo” in Leith, John H., Op. cit., p. 35.;

5 Lutero, Martinho. “Sobre os intrusos e pregadores clandestinos”, in “Obras Seleccionadas”, Vol. 7, 2000, p. 117-118.

6 *Confissão de Augsburgo*, in “Livro de Concórdia”, 1980, p. 66.

[Confissão de Augsburgo, 8] denomina a igreja “uma reunião de todos os fieis e santos” (*congregatio sanctorum et vere credentium*). Essa interpretação também já se encontra em teólogos escolásticos, de modo que não constituiu nenhuma inovação na Reforma”.<sup>7</sup>

Melanchthon, em sua Apologia da Confissão, reitera o conceito de Igreja da Confissão de Augsburgo, refere-se à Igreja como “reino de Cristo” e alerta contra aqueles que provocam cismas: “Cristo nos advertiu, nas parábolas sobre a igreja, que, ofendidos pelos vícios privados, quer de sacerdotes, quer do povo, não provoquemos cismas, como fizeram criminosamente os donatistas. Àqueles, porém, que provocaram cismas porque negaram fosse lícito aos sacerdotes terem possessões julgamo-los inteiramente sediciosos”.<sup>8</sup>

### 3. ZWINGLIO, CALVINO E A UNIDADE DA IGREJA

Ulrico Zwinglio (1484-1531), o Pai da Tradição Reformada, foi ordenado sacerdote em 19 de setembro de 1506. A partir de 1519, assumiu a Catedral de Zurique como “sacerdote do povo”, iniciando a Reforma na cidade que vai se consolidar na Páscoa de 1525.

Em janeiro de 1525, um grupo que veio a ser denominado “anabatistas” promovia discussões em Zurique sobre o batismo infantil, negando sua validade. Zwinglio refere-se aos anabatistas como sectários. “[...] eles dizem: Nós somos a Igreja, e aqueles que não pertencem a nossa Igreja não são cristãos”.<sup>9</sup> Com relação à prática do rebatismo pelos anabatistas, o reformador afirmou: “Se a qualquer cabeça-dura que tem uma nova e estranha opinião se permite reunir uma seita em torno de si, divisões e seitas se tornariam tão numerosas que o corpo de Cristo se quebraria em pedaços [...] A Igreja de Cristo nunca autorizou rebatizar, pois não há justificação para o rebatismo”.<sup>10</sup>

João Calvino (1509-1564) foi, juntamente com Guilherme Farel (1489-1565), reformador de Genebra. Farel dedicava-se à pregar a Reforma na Suíça de língua francesa, desde fins de 1516, Calvino, a partir de 1536, em Genebra, a convite de Farel.

Calvino considera a Igreja como mãe: “Porque não é lícito a ninguém separar o que Deus uniu; a saber, que a Igreja seja mãe de todos aqueles de quem Deus é Pai”.<sup>11</sup>

Em uma carta ao arcebispo Cranmer, da Igreja da Inglaterra, deplorou a falta de unidade da igreja: “[...] estando os membros da igreja divididos, o corpo sangra. Isso me preocupa tanto que, se pudesse fazer algo, eu não me recusaria a cruzar até dez mares, se necessário fosse, por essa causa”.<sup>12</sup>

John H. Leith observa que o modelo denominacional da igreja, “que se desenvolveu no protestantismo, não poderia ter sido imaginado por Calvino. Pelo amor da unidade cristã, ele estava disposto a tolerar não somente inconveniências, mas até erros doutrinários. Além disso, é certo que Calvino considerava a infidelidade um pecado tão grande quanto a falta de unidade”.<sup>13</sup>

7 Pannenberg, Wolfhart, *Teologia Sistemática*, Vol. 3, 2009, p. 150.

8 Melanchthon, Filipe. *Apologia da Confissão de Augsburgo*, 1969, p. 95.

9 Zwingli, H. *Huldreich Zwinglis Sämliche Werke* (Corpus Reformatorum), p. 254.

10 Zwingli, H. *Huldreich Zwinglis Sämliche Werke* (Corpus reformatorum), p. 254.

11 Calvino, J. *Institución de la Religión Cristiana*, 1968, p. 803.

12 Bonnet, Jules, Ed. *Letters of John Calvin*, Philadelphia, Presbyterian Board Publication, 1858, 2.348, Apud Leith, Op. cit., p. 61.

13 Leith, Op. Cit, p. 61.

Em sua exposição da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, Calvino observa que “onde as divisões predominarem na religião, inevitavelmente sucederá que o que se acha na mente dos homens logo se irromperá em verdadeiro conflito [...] Paulo condena aqueles que atraem seguidores após si, de modo a dividir a Igreja em seitas”.<sup>1</sup>

A liturgia eucarística de Calvino coloca aqueles que provocam a quebra da unidade da Igreja juntamente com idólatras e blasfemos: “em nome e pela autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, excomungo todos os idólatras, os que blasfemam, desdenham a Deus, heréticos e todos os que formam denominações particulares, que quebram a unidade da Igreja [...] advertindo-os que se abstenham desta Mesa, para que não poluam e contaminem o alimento sagrado que nosso Senhor Jesus Cristo dá somente a seus fiéis”.<sup>2</sup>

#### 4. A UNIDADE DA IGREJA NAS PRINCIPAIS CONFISSÕES DA TRADIÇÃO REFORMADA

John Knox (Ca. 1510-1572) e mais cinco pessoas escreveram a “Confissão Escocesa”, em 1560, a pedido do Parlamento Escocês. No Capítulo XVI dessa Confissão lê-se:

Assim como cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, assim também firmemente cremos que houve desde o princípio, há agora e haverá até o fim do mundo uma só Igreja, isto é, uma sociedade e multidão de homens escolhidos por Deus, que corretamente o adoram e aceitam, pela verdadeira fé em Jesus Cristo, o qual, só é a cabeça da Igreja.<sup>3</sup>

A Confissão Escocesa condena o que considera erros dos anabatistas, que não aceitam o batismo infantil.

A Segunda Confissão Helvética (*Confessio Helvetica posterior*) foi elaborada por Heinrich Bullinger (1504-1575), sucessor de Zwinglio em Zurique, em 1561. Essa Confissão adverte para não se alimentar cismas na Igreja e afirma que “a unidade não consiste em cerimônias e ritos externos, mas antes na verdade e unidade da fé católica. A fé católica não nos é transmitida pelas leis humanas, mas pelas Santas Escrituras, das quais é um resumo o Credo apostólico”.<sup>4</sup>

O Catecismo de Heildelberg foi redigido por Caspar Olevianus e Zacarias Ursinus e publicado em 1563. A resposta à pergunta 54 “Que é o que crês a respeito da ‘santa Igreja católica?’” é: “Creio que, desde o princípio do mundo até o fim, e de entre toda raça humana, o Filho de Deus, pelo seu Espírito e pela sua Palavra, reúne, protege e preserva para si mesmo, na unidade da verdadeira fé, uma congregação escolhida para a vida eterna”.<sup>5</sup>

A Confissão de Fé de Westminster foi elaborada, com outros documentos litúrgico-catequéticos, pela Assembleia de Westminster, convocada pelo Parlamento da Inglaterra e reunida de 1643 a 1647. Um dos objetivos dessa Assembleia, a unidade e uniformidade doutrinária e litúrgica entre a Igreja da Inglaterra e a Igreja da Escócia não foi alcançado, em vista do restabelecimento, em 1661, do episcopado na Inglaterra.

1 Calvino, João. *Comentário à Sagrada Escritura. Exposição de 1 Coríntios*, 1996, p. 44-45.

2 Baird, Charles W., *A liturgia reformada. Ensaio histórico*. Santa Bárbara d'Oeste, SOCEP, 2001, p. 44-45.

3 “A Confissão Escocesa”, in *Livro de Confissões*, 1969, 3.16.

4 *Livro de Confissões*, 1969, 5.141.

5 *Ibidem*, 4.054.

A Confissão de Westminster refere-se à Igreja católica ou universal invisível, que consta do número total dos eleitos, e à Igreja visível

que também é católica ou universal sob o Evangelho, consta de todos aqueles que no mundo inteiro professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos; é o reino do Senhor Jesus Cristo, a casa e família de Deus, pela qual os homens são normalmente salvos [...] A essa Igreja católica visível Cristo deu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus, para congregamento e aperfeiçoamento dos santos, até o fim do mundo.<sup>6</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Friedrich Schleiermacher (1768-1834) expressou uma fórmula que se tornou famosa: “A antítese entre protestantismo e catolicismo pode ser conceituada provisoriamente da seguinte forma: o primeiro torna a relação do indivíduo com a Igreja dependente de sua relação com Cristo; o segundo, ao contrário, faz a relação do indivíduo com Cristo dependente de sua relação com a Igreja”.<sup>7</sup> A fórmula descreve um tipo de visão individualista da Igreja, esta seria secundária, no protestantismo, ao passo que a Igreja é fundamental na teologia católica. Não obstante, o teólogo luterano Gustaf Aulén (1879-1977) observa que a afirmação é contrária à eclesiologia de Lutero e o próprio Schleiermacher afirma, em outra passagem, a saber, “que a diferença entre as interpretações evangélica e romana do cristianismo não deve ser colocada em termos tais que dêem a entender que a romana dá ênfase à prioridade da comunhão e a protestante destaque a vida individual na fé, porque a antítese está nos diferentes conceitos de natureza do indivíduo e da vida da Igreja”.<sup>8</sup>

É difícil não perceber, não obstante o comentário de Gustaf Aulén, uma relação entre o “individualismo” protestante e uma eclesiologia relegada a um segundo plano. No século XIX o historiador protestante Jorge Fisher fez interessante análise: “Como os protestantes rechaçam os critérios exteriores em que insistem os católicos romanos, como prova de que sua Igreja é a verdadeira, alguns têm tirado com pressa demasiada a conclusão de que um pequeno grupo de cristãos tem o direito de organizar-se em uma nova Igreja”.<sup>9</sup> O historiador conclui que essa atitude denota a perda do “verdadeiro desígnio da organização visível da Igreja, que não é outro senão a imagem e semelhança da invisível”.<sup>10</sup> Se a observação de Fisher foi legítima há mais de um século, quanto mais em nosso tempo! Lamentavelmente.

Concluo com uma afirmação do teólogo reformado J. de Senarclens: “As igrejas cristãs não estão divididas por causa de sua fidelidade, e sim de sua infidelidade”.<sup>11</sup>

---

6 Ibidem, 6.126-5.127.

7 Schleiermacher, Friedrich, *Christian Faith*, p. 103.

8 Aulén, Gustaf, *A fé cristã*, 1965, p. 303-304.

9 Fisher, Jorge P. *História de la Reforma*, 1984, p. 485-486.

10 Ibidem, p. 486.

11 Senarclens, J. de. *Herdeiros da Reforma*, 1970, p. 15.

## REFERÊNCIAS

AULÉN, Gustaf. *A Fé cristã*. São Paulo, ASTE, 1965.

BAIRD, Charles W. *A liturgia reformada. Ensaio histórico*. Santa Bárbara d'Oeste, SOCEP, 2001.

BONNET, Jules, Ed. *Letter of John Calvin*. Philadelphia. Presbyterian Board Publication, 1858.

CALVINO, João. *Comentário à Sagrada Escritura. Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo, Paracletos, 1996.

CALVINO, J. *Institución de la Religión Cristiana*. Buenos Aires, Nueva Creación, 1968.

FISHER, Jorge P. *História de la Reforma*. Barcelona, CLIE, 1984.

LEITH, John H. *A Tradição Reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*. São Paulo, Pendão Real, 1996.

*LIVRO DE CONCÓRDIA*. Porto Alegre, Concórdia; São Leopoldo, Sinodal, 1980.

*LIVRO DE CONFISSÕES* (Parte 1 da Constituição da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América). São Paulo, Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969.

LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*, Vol. 7. São Leopoldo, Sinodal, 2000.

72 MELANCHTHON, Filipe. *Apologia da Confissão de Augsburgo*. Porto Alegre, Concórdia, 1969.

NAKKOUD, Antonio. *Identidade da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia*. Campo Grande, Catedral Sirian Ortodoxa de São Jorge, 2011.

SCHAFF, Philip. *Creeds of Christendom*. Grand Rapids. Baker, 1990.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *The Christian Faith*, Edinburgh, W. H. Henderson, 1922 (Tradução inglesa de *Der Christliche Glaube*).

SENARCLENS, J. de. *Herdeiros da Reforma*. São Paulo, ASTE, 1970.

ZWINGLI, H. *Huldreich Zwinglis Sämliche Werke* (Corpus Reformatorum). Berlin, Brauschweig, 1863-1900.